

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM ARTES VISUAIS**

Larissa Bosich Silva Bertges

Cerâmica como expressão subjetiva: a autodescoberta a partir do barro

Juiz de Fora

2023

Larissa Bosich Silva Bertges

Cerâmica como expressão subjetiva: a autodescoberta a partir do barro

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Artes Visuais (66C - Segundo Ciclo), do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharela em Artes Visuais.

Orientadora: Sandra Minae Sato

Coorientadora: Mônica Coster Ponte

Juiz de Fora

2023

Bertges, Larissa Bosich Silva .

Cerâmica como expressão subjetiva : a autodescoberta a partir do barro / Larissa Bosich Silva Bertges. -- 2023.

53 f.

Orientador: Sandra Minae Sato

Coorientador: Mônica Coster Ponte

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2023.

1. Cerâmica artística. 2. Processo criativo. 3. Autoconhecimento.
4. Identidade do artista. 5. Artes plásticas. I. Sato, Sandra Minae,
orient. II. Ponte, Mônica Coster, coorient. III. Título.

Larissa Bosich Silva Bertges

Cerâmica como expressão subjetiva: a autodescoberta a partir do barro

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Artes Visuais (66C - Segundo Ciclo), do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharela em Artes Visuais.

Aprovada em 21 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Professora doutora Sandra Minae Sato - Orientadora
Instituto de Artes e Design
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora mestre Mônica Coster Ponte
Instituto de Artes e Design
Universidade Federal de Juiz de Fora

Professora doutora Zélia Maria da Costa Ludwig
Instituto de Ciências Exatas
Universidade Federal de Juiz de Fora

Dedico este trabalho aos meus pais, à minha irmã e ao meu esposo que me inspiram, me dão suporte e fazem a vida ser mais leve.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar os agradecimentos com a Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo), pois creio que sem eles eu não teria feito nem metade do que fiz até hoje. Agradeço pela força, pela fé e por tudo que tenho feito e aprendido.

Agradeço com todo meu ser, aos meus queridos, admiráveis e excepcionais pais, Carlos Alberto e Silvana. Vocês foram e são meus exemplos de persistência, amor e cuidado. Obrigada por todo sorriso compartilhado, toda lágrima capturada e pela paciência em não me permitir desistir.

A minha irmãzinha, que eu pedi a todos os canais possíveis que me diziam para pedir, saiba que sou imensamente grata pela sua existência. Com toda certeza, você me enriqueceu, me trouxe companheirismo, cumplicidade e um enorme senso de responsabilidade e afeto. Você me ensina todos os dias, quero poder ser um de seus exemplos e orgulho. Que continuemos com nossos olhares cúmplices.

Ao meu Wesley, eu agradeço imensamente por todos os dias e momentos. Por estar presente e infinitamente por me escolher. Você é uma dádiva que recebi e agradeço todos os dias por isso, desde quando nos conhecemos. Obrigada por me mostrar como o amor pode ser infindável e metamorfo. A vida é muito mais gostosa de ser vivida com você.

Para estes que acabei de citar, saibam que vocês são meu alicerce!

Deixo meu carinhoso agradecimento às minhas amigas, Kelly e Carina, vocês são especiais para mim. Obrigada pelo suporte e por estarmos seguindo e crescendo, admirando e torcendo uma pelas outras.

Me sinto grata por todos os colegas que tenho no Instituto de Artes e Design, obrigada pelas conversas, pelos momentos e risadas. Obrigada Sandra, por toda troca que temos e pela oportunidade de iniciar na cerâmica, é um deleite te conhecer e aprender tanto com você. Agradeço a Zélia, saiba que você é inspiração e realização. Já te admirava antes de nos encontrarmos, o que se confirmou. O legado que você vem construindo é esplêndido. Mônica, que repentinamente você foi. Sua criatividade e motivações são necessárias e eu te agradeço.

Finalizarei agradecendo a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pelo ensino gratuito e de excelente qualidade que é ofertado. Além de que é um portento, poder estudar em um campus tão bonito e verdejante. É uma honra fazer parte do quadro de alunos dessa renomada instituição.

“Garota negra
Sonhe todos os sonhos”.
(Upile Chisala, 2020, p. 99)

RESUMO

A cerâmica é abordada neste estudo como veículo para a autodescoberta e expressão da identidade criativa do artista. A partir de uma breve revisão histórica e de conceitos interdisciplinares, somada a uma seleção de relatos de artistas e suas obras, buscou-se examinar como o processo de autoconhecimento ocorre na produção artística. A cerâmica, como forma de expressão, aqui se apresenta como caminho pelo qual o artista explora sua própria jornada. A autodescoberta, definida como a análise íntima de experiências pessoais e conformação do eu, serve como ponto de partida no desenvolvimento das obras cerâmicas apresentadas. O processo sem um destino final constitui-se como uma jornada contínua de amadurecimento pessoal e produtivo e de descoberta da própria identidade. Os meios de produção são tão essenciais quanto as obras resultantes.

Palavras-chave: Cerâmica artística; Processo criativo; Autoconhecimento; Identidade do artista; Artes plásticas.

ABSTRACT

Ceramics is held in this study as a vehicle for self-discovery and expression of the artist's creative identity. Based on a brief historical review and interdisciplinary concepts, in addition to a selection of artists' reports, we sought to examine how the process of self-knowledge occurs in artistic production. Ceramics, as a form of artistic expression, is presented here as a path through which the artist explores its own journey. Self-discovery, here defined as the intimate analysis of personal experiences and the shaping of the self, serves as a starting point in the development of the ceramic works presented as a practical result of this research. The process without a final destination constitutes a continuous journey of personal and productive maturation and discovery of one's own identity. The means of production are as essential as the resulting works.

Keywords: Artistic ceramics; Creative process; Self-knowledge; Artist identity; Fine arts.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	<i>Prometeu moldando o homem a partir do barro</i> , Constantin Hansen, 1845	17
Figura 2	<i>Jug</i> , Simone Leigh, 2022	25
Figura 3	<i>Elastic Hybrid</i> , Richard Hunt, 1974	26
Figura 4	<i>Air</i> , Dora de Larios, 2009	27
Figura 5	<i>Lift Every Voice and Sing (The Harp)</i> , Augusta Savage, 1939 ...	28
Figura 6	<i>O berro da concha</i> , Brígida Baltar, 2017.....	29
Figura 7	<i>Untitled</i> , Magdalene Odundo, 2013	30
Figura 8	<i>Vaso Batik #05</i> , Idrís Olábòdé	31
Figura 9	<i>SCARfitto #01</i> , Idrís Olábòdé	32
Figura 10	<i>Host</i> , Anne Marie Laureys	32
Figura 11	<i>Shape of H2O in a shape of water Jug</i> , Anne Marie Laureys, 2015	32
Figura 12	<i>Em meios</i> , Larissa Bosich, 2023	37
Figura 13	<i>Em meios</i> , Larissa Bosich, 2023	37
Figura 14	<i>Desalento</i> , Larissa Bosich, 2023	39
Figura 15	<i>Expectativas</i> , Larissa Bosich, 2023	41
Figura 16	<i>Expectativas</i> , Larissa Bosich, 2023	41
Figura 17	<i>Expectativas</i> , Larissa Bosich, 2023	41
Figura 18	<i>Transmutação</i> , Larissa Bosich, 2023	48

Figura 19	<i>Acalento</i> , Larissa Bosich, 2023	43
Figura 20	<i>Acalento</i> , Larissa Bosich, 2023	44
Figura 21	<i>Descortinando Philautia</i> , Larissa Bosich, 2023	45
Figura 22	<i>Descortinando Philautia</i> , Larissa Bosich, 2023	45
Figura 23	<i>Em processo de Philautia</i> , Larissa Bosich, 2023	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	BREVE REVISÃO HISTÓRICA DA CERÂMICA COMO GÊNESIS NO CONTEXTO DA AUTODESCOBERTA	15
3	LUZES SOBRE O TEMA: HISTÓRIAS DE AUTODESCOBERTA DOS QUE ABRIRAM MEUS CAMINHOS	19
3.1	DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUTODESCOBERTA	20
3.2	ALGUNS ARTISTAS QUE ILUMINARAM ESTA TRAJETÓRIA DE DESCOBERTAS	24
3.3	ONDE ME ENCONTRO NESTE CONTEXTO?	33
4	MINHA TRADUÇÃO VISUAL PARA A SÍNTESE DESTA REFLEXÃO ..	34
5	INQUIRIÇÕES, CERNE e PHILAUTIA	38
	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Desde criança, quando me via no espelho, não conseguia me enxergar, não me identificava, era muito difícil me perceber. Por diversos motivos, como o fato de ser mestiça e pela realidade escolar marcada por ridicularizações, piadas e exclusão. Não importava as notas que tirava ou o quanto me destacava independentemente da atividade, sempre havia segregação.

Ainda que hoje eu perceba que isso é somente o reflexo alheio e que suas falas não façam diferença sobre quem sou, por muito tempo essa experiência me fez crer que eu não podia, acarretando machucados na autoestima e auto aceitação. Esse sentimento de não pertencimento perdura, contudo transformo essa sensação em potência.

Escutei o poema “A menina que nasceu sem cor”, da poeta/*slammer*¹ paulista Midria e ela sintetizou muito do que eu pensava. Como ela, eu também sou uma “menina que nasceu sem cor”:

Eu tenho um problema
 Meu ascendente é em Áries.
 E eu tenho outro problema
 É que eu sou a menina que nasceu sem cor.
 Pra alguns, eu sou “preta”,
 para outros eu sou Preta.
 Para muitos e muitos eu sou parda.
 Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel.
 E a minha consciência racial quando me chamem de parda
 Fique tão bamba quanto a autodeclaração de artista pop
 Como a Anitta quando pratica apropriação cultural.
 Eu sou a menina que nasceu sem cor
 Porque eu nasci num país sem memória,
 com amnésia,
 que apaga da história todos os seus símbolos de resistência
 negra, que embranquece a sua população e trajetória a cada brecha.
 Que faz da Redenção de Cam a sua obra-prima,
 Monalisa da miscigenação.
 E ô, ode ao milagre da miscigenação,
 calcado no estupro das minhas ancestrais,
 na posse de corpos que nasceram para serem livres,
 na violação de ventres
 que nunca deveriam terem deixado de serem nossos.
 E eu tenho outro problema
 eu não sei dar cambalhota.
 E não importa que para alguns
 eu seja a menina que nasceu sem cor,

¹ Nome que se dá a quem participa dos *poetry slams*, ou, em português, "batalhas de poesia".

que falte melanina pra minha pele ser retinta,
 que os meus traços não sejam tão marcados.
 O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado
 que por muito tempo fez com que eu odiasse
 os traços genéticos do meu pai herdados,
 me odiasse,
 me mutilasse,
 meu cabelo alisasse.
 Meninas pretas não brincam com bonecas pretas.
 Mas faço questão de botar no meu texto
 que pretas e pretos estão se armando,
 se amando.
 Porque me chamam por aí de parda,
 morena,
 moreninha,
 mestiça,
 mulata,
 café com leite,
 marrom bombom
 Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor,
 mas um dia gritaram-me: NEGRA.
 E eu respondi. (PEREIRA, Midria da Silva, 2018)

Meus pais me deram, dentro do que era possível, condições educacionais e financeiras para que eu representasse o início de uma mudança, ocupando lugares que eles não ocuparam e sendo motivo de orgulho para eles. Minha predisposição à mudança começou a se tornar visível quando parei de alisar quimicamente meu cabelo. Esse foi o início de muitas transformações interiores. Como Márcia Tiburi afirma no artigo "Aprender a pensar é descobrir o olhar":

Ver, por sua vez, nos liberta de saber e pode nos libertar de ser.
 Se o olhar precisa do pensamento e ver abdica dele, podemos
 dizer que o sujeito que olha existe, enquanto que o sujeito que
 vê, não necessariamente existe. (TIBURI, Márcia, 2004)

Eu me senti existente quando renunciei a toda a parte que não me pertencia e que, até então, eu insistia em incorporar. Foi quando me olhei com calma e concluí que se reconhecer é complexo e exige respeito pelo nosso tempo interno.

Quando reflito sobre esse processo percebo como uma longa estrada se abriu diante de mim, pela qual todas as minhas reflexões e experiências, decepções e aprendizados, convergem na direção do meu autodescobrimento e dando início a essa percepção de criação artística pautada e imbuída pelo processo de autoconhecimento. Esta pesquisa busca sintetizar, de forma poética, essa trajetória de descobertas.

Encontrei no contato com o material cerâmico, com as técnicas de modelagem e, com algum conhecimento teórico, uma alternativa para me expressar. Ao me identificar com suas características específicas, como o respeito aos tempos das etapas distintas do processo de produção, bem como o envolvimento dos quatro elementos naturais (terra, água, ar e fogo), a prática cerâmica se tornou, para mim, a forma de materializar minhas ideias. A cerâmica foi um encontro fortuito na minha vida. E ela tem uma potência, enquanto linguagem que acolhe e desnuda ao ser dona de seu tempo, um tempo que se assemelha ao tempo da autodescoberta, o qual não adianta acelerar. (LEONEL, 2022)

A proposta deste trabalho é relacionar o meu processo de autoconhecimento aos processos de expressão visual a partir da produção cerâmica artesanal. A partir da cerâmica, promover uma tradução intersemiótica de sentimentos para objetos tridimensionais. Essa tradução está pautada na compreensão de um meio para outro, se fazendo necessário reinterpretar e adaptar os elementos de significado para se adequar à forma final de expressão.

Esta monografia propõe demonstrar a intersecção entre o autoconhecimento e a produção cerâmica como expressão de vivências e percepções. A partir de uma breve revisão histórica, relatos de artistas sobre arte e autoconhecimento, da inter-relação entre texto e imagem e do uso de símbolos para representação visual de ambientações emocionais, elegi a prática cerâmica como veículo de tradução visual de sentimentos e experiências pessoais na busca de minha identidade.

2. BREVE REVISÃO HISTÓRICA DA CERÂMICA COMO GÊNESIS NO CONTEXTO DA AUTODESCOBERTA

A história da cerâmica coincide com a origem da humanidade, remontando à pré-história e se fazendo presente em praticamente todas as civilizações ao longo de séculos. Relatos históricos citam a cerâmica como metáfora da criação do próprio homem.

Nas religiões cristãs, bem como mitos de outras culturas, temos a relação do barro como matéria de origem do ser humano: “Então o Senhor modelou o ser humano do pó da terra, feito argila, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” (BÍBLIA, Gn, cap. 2, v.7, 2017).

Na mitologia do Antigo Egito, temos Khnum (que significa modelador), também chamado Quenum, ou Quenúbis, deus representado como um homem com a cabeça de carneiro, conhecido como o modelador do corpo físico dos homens e soprando a alma ("Ka") a partir do barro.

A associação de Khnum ao barro e à água como fonte da vida é tão óbvia como a modelagem da cerâmica, que não pode ter nem muita nem pouca água, mas unicamente a quantidade exacta, para que a peça adquira a elasticidade adequada ao trabalho da olaria. A criação do ser humano é, portanto, o resultado do equilíbrio perfeito da interação de duas forças: as águas primordiais e a terra, [...] (CALAZANS, José Carlos, p. 175, 2005)

E,

Khnum é o deus da nascente do Nilo e um dos responsáveis por controlar as enchentes anuais do rio. Visto que as enchentes traziam consigo lodo e argila, e sua água trazia vida aos arredores, ele passou a ser considerado também uma divindade criadora, que moldaria as pessoas e os animais em sua roda de oleiro, colocando vida e saúde em seus corpos. (O panteão egípcio, p. 159, 2022)

Na mitologia grega, Prometeu é incumbido de criar o primeiro homem do barro e a deusa Atena lhe traz à vida (Figura 1).

Prometeu com um pouco de argila e água, criou o homem à imagem dos deuses para que reinasse sobre a terra. [...] Atena, a deusa da sabedoria, impressionada, insuflou no homem o espírito. Pouco depois os primeiros seres humanos começaram a multiplicar-se na terra, mas faltava-lhes as informações sobre a sua subsistência e sobre os assuntos divinos. Por esta razão, Prometeu ensinou aos homens todos os segredos da agricultura, da pesca, do comércio, da profecia, da astronomia e de tudo o que era necessário ao desenvolvimento da humanidade. (PORTO Editora, 2023)

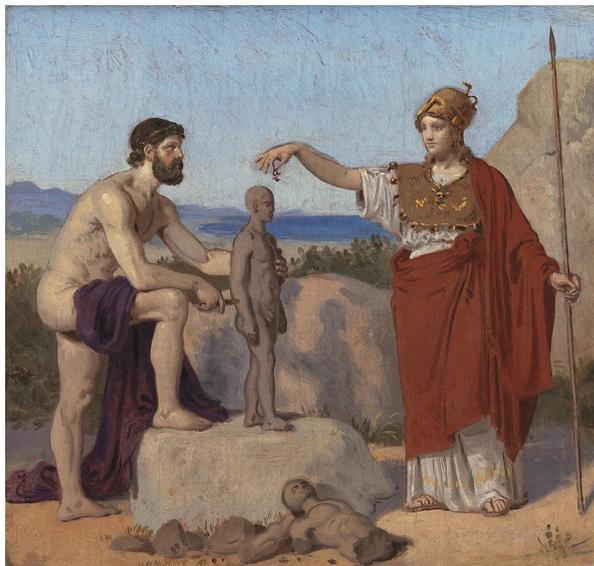


FIGURA 1 - *Prometeu moldando o homem a partir do barro*, 1845, Constantin Hansen
Fonte: Fineartamerica

Provável inspiração para o próprio mito de Adão e, por sua vez, inspirado no grego Prometeu, o Golem², homem de barro, sintetiza o desejo do homem de dominar a criação, da mesma forma que Deus. Em nosso contexto, mais uma vez observamos a cerâmica com conotação de matéria de origem. No artigo *O Golem: Entre a técnica e a magia, aquém da bioética*, SELIGMANN-SILVA (2007) discute o papel do indivíduo que ambiciona o poder divino, o que é alcançado simbolicamente quando ele assume a posição de artista e dá forma ao seu pensamento:

[...] porque justamente se trata aqui do mito da criação por excelência, de uma potente metáfora da *imitatio dei*³. O homem torna-se criador, poeta e artista, através do mito do Golem. E mais, dentre as várias narrativas sobre a fabricação do Golem sempre se destaca a relação entre esta criação e a leitura. O Golem foi apresentado em certos momentos como o fruto (como que alucinatório) de uma leitura de textos da tradição mística. Ele pode ser visto, portanto, não apenas como alegoria da criação, mas também como uma figura da leitura e da interpretação.

O Golem ilustra a ideia de que o poder da criação e da destruição está nas mãos do criador. A sugestão de que o primeiro homem foi modelado em barro sintetiza minha concepção, independentemente da abordagem religiosa. Gerhard

² Ser mítico originário da cultura judaica;

³ Do latim "imitação de Deus".

Richter, em suas "Notas, 1964-1965", vai além, afirmando que a arte é, em si, uma religião:

A arte não é um substituto de religião, mas religião (no sentido da palavra, "religação" "ligação" com o que não é conhecido, o supra-racional, o supra-sensível). Isso não queria dizer que a Arte tenha se tornado semelhante à igreja e assumido as suas funções (a educação, formação, esclarecimento e atribuição de sentido). Mas sim que, como a igreja, não basta mais como meio de se experimentar a transcendência e de realizar a religião, a arte é, como meio modificado, executora única da religião, ou seja, é a própria religião. (FERREIRA & COTRIM, 2006)

É poético e instigante pensar que fomos sonhados, planejados e modelados, tal como na produção cerâmica:

Deus teria sido, como se depreende do extracto [sic] de Gênesis, o primeiro ceramista, ao criar o homem. Não admira que a argila nos leve permanentemente à tentação da criação das mais diversas formas. Colocando de parte qualquer intenção mística, afirmo desde já o vínculo indissociável da história da evolução cultural do homem e da transformação da argila. (CANOTILHO, p.12, 2003)

Ao entrar em contato com a argila, surge a vontade de construir algo, ela assume a forma das ideias de quem a modela. É estimulante o impulso de moldar transformando a matéria, a sensação de que é possível materializar a forma imaginada. Remonto à poética de Paul Klee, para apresentar a visão do artista que enxerga, na relação indivíduo-arte, a criação do ser:

A arte é como uma parábola da criação. Ela é sempre um exemplo, assim como o terrestre é um exemplo do cósmico. A libertação dos elementos, o seu agrupamento em subdivisões que configuram novas formas, a desagregação e a reconstrução do todo segundo diversos aspectos simultâneos, a polifonia pictórica, a produção de repouso por meio de um ajuste de movimento - todas essas questões formais de grande importância, decisivas para o conhecimento sobre a forma; [...] isso o ajuda a abandonar o invólucro que o aprisiona e por alguns instantes, sentir-se Deus. (KLEE, 2001, p. 49-50)

A história da cerâmica, tal como a história da própria humanidade, registra o desenvolvimento das ideias, dos processos criativos e dos costumes em muitas

culturas. Mais que modelar objetos, com a cerâmica modelamos nossa própria origem.

Entende-se que a Arte atua como instrumento pelo qual se pode perceber a influência da cultura no desenvolvimento do ser, distinguindo-o como indivíduo singular e, ao mesmo tempo, situando-o em seu lugar social: “Destacando que a cultura é entendida como produção humana, vinculada ao ideal de aprimoramento, visando à dignidade da espécie como um todo, e de cada um dos indivíduos” (CUNHA FILHO, 2000).

3. LUZES SOBRE O TEMA: HISTÓRIAS DE AUTODESCOBERTA DOS QUE ABRIRAM MEUS CAMINHOS

O processo de autoconhecimento estabelece a interconexão entre a arte e a jornada pessoal ao conduzir o artista a explorar suas próprias experiências, emoções e identidades. Durante a busca pela expressão artística que lhe legitime, ele está embarcando em uma jornada de descoberta interior.

Na produção autoral, o artista não apenas abre portas para a compreensão de si mesmo, mas compartilha histórias que ressoam com a coletividade, sugerindo formas de conexão entre a arte e a indagação sobre a alma humana:

[...] é somente pelo plano cultural que ele [o indivíduo] adquire as aptidões para viver nesse mundo plenamente como humanizado e que forma os órgãos sociais de sentido. Por exemplo: não basta que tenha acuidade visual, é preciso aprender a 'ler' o mundo. (BARROCO & SUPERTI, 2014, p. 25)

Sob o ponto de vista educacional, a presença das atividades artísticas na formação do cidadão influencia diretamente na sociabilização e inclusão em diálogo horizontal, estabelecendo as relações indivíduo-grupos e grupos-sociedade. Nogueira (2014), atenta para a gravidade da desvalorização das Artes na educação do indivíduo desde a infância, comprometendo não apenas a formação de maneira generalizada, mas também na conformação psicológica do mesmo:

O pouco interesse dado pela sociedade à arte e aos construtos infantis reflete-se na vida adulta, na falta de afetividade/motivação, estando associado à baixa [auto] estima daqueles alunos, acarretando não somente uma latência artística, mas também influi [sic] negativamente no processo de aprendizagem. (NOGUEIRA, 2014)

As Artes Visuais atuam como agentes modeladores do comportamento humano, influenciando na concepção de tempo e espaço, aguçando, via campo visual e dos demais sentidos físicos e emocionais, nossa percepção sobre os aspectos educacionais, políticos, afetivos e econômicos que demarcam as diferenças sociais e culturais.

A vivência das Artes proporciona a formação do gosto pessoal, do senso crítico, estimula a criatividade, o que contribui para a formação da personalidade do indivíduo não apenas pelo exercício da observação passiva, mas em seu processo

produtivo (MAGALHÃES, 2018). Daí deduzimos os prejuízos decorrentes da ausência deste estímulo no processo de formação do ser.

Neste capítulo, relaciono depoimentos e relatos de autores que, como eu, encontram nas Artes um caminho de autoconhecimento e de expressão autêntica:

Assim fala Cleófas: "O artista é uma criança grande, porque uma criança sempre é artista, sempre ele cria... Quando ele cresce, ele se firma [em] conceitos que a sociedade oferece a ele, ele se bitola [sic] naquilo, e aí ele se impede de criar." (Cruz, 2010)

O artista, ao construir uma obra, promove um exercício de entendimento de si mesmo e da matéria. O que torna cada peça única porque artesanal e também devido à experiência particular que a envolve. Por um lado, ele demonstra domínio sobre os conhecimentos técnicos e objetivos, que são controlados pela razão. Por outro, ele se entrega a emoções e desejos em uma região desconhecida. Ali ele explora uma nova experiência a partir da manufatura que ele conhece bem. O processo a que está familiarizado, muitas vezes herdado de gerações, é a base material para suas construções, ao mesmo tempo em que serve de base para suas memórias, materializando sua visão e pensamentos. Ao que a afirmação de Octavio Paz complementa: "[...] o objeto artesanal nos entra logo pelos sentidos, vivendo em cumplicidade conosco" (Paz, 1991, p. 50).

Em "O artesão e a imaginação dos quatro elementos", Cruz (2010) descreve a relação que envolve o processo criativo formal e a subjetividade delimitando um percurso que equilibra distanciamento e proximidade emocional artista-obra:

Para um artesão, estar em contato com um complexo depende da capacidade e da habilidade de estar próximo o suficiente para se alimentar do elemento que vai guiar sua imaginação, e distante o suficiente para não ser eclipsado por ele na forma de uma possessão. (Cruz, 2010)

3.1 DEFINIÇÃO DO CONCEITO DE AUTODESCOBERTA

A autodescoberta se desenrola como uma jornada, um processo particular que nos leva a explorar recantos profundos de nossa mente, alma e identidade. É um empenho contínuo que transcende a mera busca de conhecimento intelectual; trata-se de explorar as diferentes emoções, envolve paixões, desejos e medos.

Combina coragem e curiosidade porque nos leva a confrontar nossos limites e a desafiar as crenças que temos sobre nós mesmos:

Não é tarefa fácil construirmos a nossa própria identidade confiando apenas nas nossas intuições e pressentimentos, mas é também pouca a segurança que podemos extrair de uma identidade autoconstruída que não seja reconhecida e confirmada por um poder mais forte e mais duradouro do que o seu construtor solitário (Bauman, 2007)

Atingir o autoconhecimento pleno e explorar nosso potencial máximo soa utópico, já que, ao longo de uma vida, nosso conceito de potencial máximo sofre alterações e o autoconhecimento deverá acompanhar nosso amadurecimento, constantemente em processo. De fato, a busca pela individualidade e pelo autoconhecimento é mais importante do que a meta final em si. O que importa é o processo. Nas palavras de Torres:

[...] o autoconhecimento é, inexoravelmente, o único conhecimento que o homem não pode e nem deve desprezar, afinal, o ser humano enquanto parte integrante da natureza é regido pelo mesmo princípio do qual nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, aprimora e evolui [...] (TORRES, 2016, p.3)

O exercício do autoconhecimento não possui um fim definitivo, é um percurso contínuo pelo qual avançamos passo a passo, sem a finalidade de chegar a um ponto final. O foco reside no próprio processo. Deve-se compreender que a busca pelo autoconhecimento não tem um fim determinado; é um trabalho constante de observação, uma jornada contínua de exploração de si mesmo, da vida e das relações interpessoais. Essa abordagem representa uma atitude fundamental perante a vida: "Não é coincidência que Sócrates tenha resumido toda a sabedoria da filosofia a um simples comando: Conhece-te a ti mesmo." (THE SCHOOL OF LIFE, p.9, 2021)

Todo o ser humano tem dentro de si ambos os conjuntos de forças. Um conjunto apega-se à segurança e à defensiva por medo, tendendo a regredir, a aferrar-se ao passado, receoso de se desenvolver longe da comunicação primitiva com o útero e o seio maternos, receoso de correr riscos, receoso de pôr em perigo o que já possui, receoso de independência, liberdade e separação. O outro conjunto de forças impele-o para a totalidade do Eu e a singularidade do Eu, para o funcionamento pleno de todas as suas capacidades, para a confiança em face do mundo externo, ao mesmo tempo que pode aceitar o seu mais profundo, real e inconsciente Eu (MASLOW, 1962, s.p. apud. NASCIMENTO, 2020, p.22)

O processo de autoconhecimento está entrelaçado ao processo de produção artística, neste caso, em cerâmica, de maneiras distintas. A expressão criativa, por exemplo, surge como um dos pontos fundamentais dessa interseção, visto que o autoconhecimento capacita o ceramista a definir suas preferências estilísticas e temáticas, proporcionando-lhe a habilidade de produzir peças que genuinamente reflitam sua identidade e visão de mundo. Ademais, o ofício ceramista ganha potência com o autoconhecimento, dotando o artista de uma capacidade intensificada de concentração e foco, fatores relevantes nas diferentes etapas de produção, desde a modelagem até a esmaltação das peças de cerâmica, por exemplo.

Com base em algumas linhas de pensamento (REIS, 2014), podemos destacar a arte como paraterapia como outro aspecto significativo da relação entre a produção artística e o autoconhecimento. No Brasil, o conceito de arteterapia surge na primeira metade do século XX atuando entrelaçada à psiquiatria, com ênfase nas vertentes psicanalítica e junguiana. Estas encontram-se representadas respectivamente pelas psiquiatras Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), pioneiros no tratamento com arte de pacientes em instituições de saúde mental:

[...] Conforme relata Silveira, nesse caminho alternativo, construiu-se um tratamento mais humano, com inegáveis efeitos terapêuticos na reabilitação dos pacientes, que promovia a recuperação do indivíduo para a comunidade em nível até mesmo superior àquele em que se encontrava antes da experiência psicótica. (REIS, 2014)

Neste raciocínio, consideramos a cerâmica artística como parte do processo terapêutico quando proporciona ao artista a experiência de compreender e gerir suas próprias emoções enquanto trabalha com o material. A partir dessa perspectiva, enxergamos na produção cerâmica uma ferramenta da terapia artística, auxiliando na expressão e no enfrentamento de emoções.

A referência para o trabalho autoral, por sua vez, é uma resposta dessa simbiose, visto que a busca por autoconhecimento caracteriza-se como tema de produção prática. As experiências de vida, as emoções e narrativas pessoais, ao serem traduzidas em formas tridimensionais, conferem singularidade e simbologia às peças cerâmicas. O autoconhecimento promove o aprendizado contínuo ao

ceramista, nos processos de identificar suas limitações e buscar aprimoramento de forma constante.

Ao abordar os pressupostos fundamentais na arteterapia, Reis (2014) ressalta que “a expressão artística revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Esse ato revela um suposto sentido, e cada teoria e método em arte.”

A arte possibilita aos indivíduos expressarem seus sentimentos, aspirações e anseios. Além de traduzir em imagens a subjetividade humana, a prática cerâmica, especificamente, resgata a relação mais primitiva do ser humano com a natureza, já que interage com os quatro elementos fundamentais: terra, da água, do ar e do fogo. Esses elementos revelam cores, formas, texturas, dimensões, estimulam os sentidos para além de visão, mas do tato, muitas vezes do olfato⁴, da audição⁵, até mesmo do paladar⁶ de forma ao mesmo tempo direta e poética, tal como se dá o processo de autodescoberta.

A argila e seus processos desempenham um papel fundamental no processo de autoconhecimento e traduzem o estado emocional do indivíduo que a manipula. As etapas da transformação do barro em cerâmica são inteiramente dependentes do processo de queima, muitas vezes saindo do controle e surpreendendo a previsão inicial do ceramista. Quando o resultado desejado é diferente do projetado, pode afluir frustração e descontentamento ao artista menos flexível às imprevisibilidades.

No entanto, ao contemplar sua obra com mais atenção, ele tem a oportunidade de exercer uma melhor compreensão. Ao observar sua criação, pode se adaptar às cores e até mesmo formas inesperadas, e percebe a nova situação. Joan Miró, quando descobriu a cerâmica como forma de expressão, ficou fascinado justamente com a surpresa que uma queima proporciona ao ceramista: "A magia do fogo é, para mim, uma coisa magnífica que me lança ao desconhecido" (CASTALDO, 1992 *apud* SATO, 2016).

Nesse momento de reflexão ocorre o processo de autoconhecimento, revelando nos traços de inflexibilidade na capacidade de lidar com adversidades e o grau de contentamento com seu próprio trabalho. Todas essas questões se tornam mais vívidas durante essa fase contemplativa (VIERA FILHO, 2013).

⁴ Cerâmica como condutor de aromas;

⁵ Cerâmica para produção de amplificadores ou instrumentos musicais;

⁶ Cerâmica como utilitário para preparo de alimentos ou receptáculo para bebidas como a água e o vinho.

A satisfação pessoal, uma aspiração para muitos artistas, surge como um desdobramento natural dessa conexão com o eu. A criação de peças de cerâmica que ecoem com autenticidade proporciona uma sensação profunda de realização pessoal e autoral. O autoconhecimento não apenas enriquece a experiência de produção em cerâmica, mas também exerce uma influência profundamente positiva sobre a qualidade e o significado inerentes às obras criadas, perpetuando assim um ciclo de aprimoramento artístico e pessoal.

3.2. ALGUNS ARTISTAS QUE ILUMINARAM ESTA TRAJETÓRIA DE DESCOBERTAS

Descrever a arte como um espelho dos sentimentos humanos talvez seja uma das formas mais íntimas de reconhecer-se. Ao referir-se à arte abstrata, em 1962, no texto "Arte-como-arte", o artista norte-americano Ad Reinhardt descreve sua visão da arte como expressão pura, estabelecendo uma analogia com a complexidade humana, o que entendemos como atribuir alma a expressão visual, onde a identificação, a meu ver, é quase inevitável:

O tema único de cem anos de arte moderna é essa consciência que a arte tem de si mesma, da arte preocupada com os seus próprios processos e meios, com sua própria identidade e distinção, [...] voltada para a sua própria e única afirmação, [...] consciente de sua própria evolução e história e destino, na direção de sua própria dignidade, sua própria essência, sua própria razão, sua própria moralidade e sua própria consciência. (REINHARDT, 2006)

Artistas notáveis, como Simone Leigh, Richard Hunt, Dora de Larios, Augusta Savage, Brígida Baltar, Magdalene Odundo, Idrís Olábòdé e Anne Marie Laureys, oferecem visões excepcionais sobre a criação artística e sua trajetória de autodescoberta, descrevendo a arte como um espelho dos sentimentos humanos. Cada uma dessas vozes, através de sua prática e processo criativo, demonstra a profundidade e a complexidade dessa busca de identidade através da expressão artística.

Simone Leigh (FIGURA 2), conhecida por suas esculturas e instalações que exploram temas de identidade, gênero e raça. Seu processo de criação está intimamente ligado à sua herança afro-americana e à representação das experiências das mulheres negras. Suas obras muitas vezes incorporam elementos

tradicionais da cerâmica, unindo a história cultural à contemporaneidade, destacando questões de identidade. “Espero ter sido capaz de olhar ainda mais para dentro enquanto exploro minha subalternidade. Quanto mais específico eu sou, mais pessoas alcanço. E estou muito orgulhosa da minha herança”, diz Leigh, para o site *Cultered*, nas palavras de Elizabeth Karp-Evans (LEIGH, 2019).



FIGURA 2 - *Jug*, 2022, Simone Leigh
Fonte: dasartes

Richard Hunt, escultor, em seus processos com metais, explora formas dinâmicas que evoluem ao longo de sua carreira (Figura 3). Em seu website *richardhuntsculptor.com* (HUNT), Hunt descreve:

O tema de grande parte do meu trabalho pode ser caracterizado como uma fusão ou harmonização das tensões vitais existentes entre dualidades, como o orgânico e o geométrico, o orgânico e o abstrato, ou o passado e o presente, o tradicional e o contemporâneo.



FIGURA 3 - *Elastic Hybrid*, 1974, Richard Hunt
Fonte: richardhuntsculptor

Dora de Larios (DE LARIOS), por sua vez, foi uma ceramista cujo trabalho é um exemplo inspirador de como a arte pode ser uma jornada de autodescoberta. Sua exploração de formas, cores e texturas na cerâmica reflete seu processo contínuo de experimentação e evolução criativa.

Sobre a força e imponência em suas obras e a preocupação de ressaltar mulheres artistas, De Larios (FIGURA 4) declarou à revista *Hispanic Outlook* (MAGAZINE, 2016): "O que mais me orgulha é que nasci mexicana porque a cultura é mais influente e todas as mulheres da minha família são fundamentais para isso".



FIGURA 4 - *Air*, 2009, Dora de Larios
Fonte: doradelarios.com

Augusta Savage (ART MUSEUM, Smithsonian American) foi uma escultora e educadora que desafiou as barreiras raciais e de gênero em sua busca artística (FIGURA 5). Sua influência no Renascimento do Harlem e seu compromisso com a representação da experiência afro-americana em sua arte mostram como a criatividade pode ser um veículo para a autodescoberta e a expressão cultural. Segundo o *Aware Women Artists* (ARTISTS), em 1923 ela foi excluída de um programa de estudos na França devido à cor de sua pele, enfrentou o comitê de admissão, entrando para a história como a primeira mulher afro-americana a desafiar o mundo da arte.



FIGURA 5 - *Lift Every Voice and Sing (The Harp)*, 1939, Augusta Savage
Fonte: awarewomenartists

Brígida Baltar (BALTAR), artista brasileira, destaca seu processo criativo intuitivo como meio para definir seu estilo e explorar conceitos subjacentes ao seu trabalho. Sua busca pessoal de identidade e significado na arte é evidente em sua evolução artística ao longo do tempo. Em entrevista de 2002 a Sabine Schaschl

(BALTAR, 2002), a artista brasileira Brígida Baltar (Figura 6) descreve seu processo criativo intuitivo como meio para definição de seu estilo:

Quando iniciei este projeto, eu não sabia o que realmente queria com arte. Já tinha experimentado diferentes tipos de materiais como se através disso eu conseguisse definir alguma linguagem. Mas logo descobri que o que me interessava eram os conceitos em torno do trabalho, mais do que os sentidos formais ou materiais que fossem possíveis extrair deles. Eu estava em um momento pessoal de mudanças, uma espécie de auto-reorganização [...] Eu acho que as idéias não nascem totalmente definidas. Normalmente, surgem num impulso, mas ainda são como fragmentos de experiências os quais um dia se tornam ou não um projeto desenvolvido. E na passagem do tempo ocorrem mudanças e algumas vezes tudo fica claro ou completo algum tempo depois. (Baltar, 2002)



FIGURA 6 - *O berro da concha*, 2017, Brígida Baltar
Fonte: brigidabaltar.com

Magdalene Odundo (WAKEFIELD, *The Hepworth*) é uma artista reconhecida por suas obras de cerâmica que incorporam elementos da tradição africana, especificamente inspiradas pela cerâmica Nilo-Sudanesa (FIGURA 7). Ela é conhecida por sua habilidade em criar formas orgânicas e elegantes em cerâmica explorando o material de maneira única. Sua formação acadêmica somada às experiências pessoais a levaram a explorar a cerâmica como meio de expressão artística. Suas criações influenciam e inspiram tanto o mundo da cerâmica quanto o da arte contemporânea. Odundo é uma das artistas com quem possui uma forte

identificação. Tanto na sua forma de pensar em relação à prática e vivência cerâmica, quanto com suas obras e a riqueza de produção e acabamento.

Fui atraído pelo barro por causa de sua materialidade e o barro é algo que é tão Não apenas sedutor, mas na verdade é tão perto do corpo, tão fisicamente perto de como manipulamos a nós mesmos e nossos próprios corpos que isso desafia qualquer descrição linguística ou verbalmente, porque você precisa ter aquela conexão tátil com o material, se for argila, você sabe que depende de você conheça até mesmo as primeiras leituras, que você leia a Bíblia ou fale com pessoas que têm suas próprias crenças, você sabe que o homem parece ter vindo deste material terrestre, você vem dele e volta a ele, então é, é vida ou morte, realmente e essa é a beleza do barro. (ODUNDO, 2022, para o *Southbank Centre*. Tradução própria)



FIGURA 7 - *Untitled*, 2013, Magdalene Odundo
Fonte: Artsy

Idrís OlábòdéN (LAGOS) é um talentoso ceramista nigeriano e sua paixão pela cerâmica vai muito além de uma mera expressão criativa é uma jornada de descoberta da essência da vida. Ele encontra inspiração e significado na alquimia que ocorre quando há argila e criatividade. Seu trabalho é profundamente marcado pela filosofia de que a beleza das imperfeições é uma forma de expressar a riqueza da existência humana. Em vez de buscar a perfeição, ele abraça as irregularidades e singularidades que tornam cada peça única. Isso não apenas confere

modificações à sua arte, como também reflete o poder curativo da criação (FIGURAS 7 e 8). Idrís declara, para o canal criativo de Shambhavi Sarasvati (KINDRED 108, 2023), que:

Na dança silenciosa entre as mãos do Oleiro e a roca, encontrei a profunda filosofia que sustenta a cura. Assim como o barro cede às mãos que o moldam, também nós devemos nos render às forças modeladoras da vida. Nossas cicatrizes, como as costuras de potes mal jogados, contam histórias de resiliência e da arte de ressurgir de pedaços quebrados.

Em cada oscilação da roda giratória, em cada rachadura que aparece à medida que a argila se transforma, há uma lição. Não se trata de criação perfeita, mas de coragem para continuar moldando, para continuar lançando, mesmo quando o mundo parece uma tempestade implacável. Assim como a cerâmica exige paciência, a cura exige tempo. É a arte de reconstruir, de costurar os fragmentos quebrados com esperança enfiada em ouro.

Toda alma deprimida é como barro cru, esperando para ser transformada. Devemos lembrar que mesmo em nosso quebrantamento há força. O Oleiro não descarta o barro que desmorona; em vez disso, cada colapso é uma oportunidade para renascer. Assim como um vaso emergindo das mãos do Oleiro, nós também podemos ressurgir.



FIGURA 8 - Vaso Batik #05, Idrís Olábòdé
Fonte: etsy - clayoflagos

Sobre o vaso Batik, Idrís Olábòdé declara:

Esses padrões, em particular, baseiam-se na rica tapeçaria da arte batik nigeriana, combinando tradição com minha perspectiva única. Os designs intrincados refletem a profundidade das emoções e experiências que tocaram minha alma. Das cores vibrantes aos

detalhes meticulosos, cada traço do padrão é um reflexo da união do amor, da cultura e da criatividade. (Etsy, clay of lagos)



FIGURA 9 - SCARfitto #01, Idris Olábodé
Fonte: etsy - clayoflagos

Como também declara sobre a obra SCARfitto, "Inspiro-me na profunda beleza das marcas tribais africanas, que carregam um significado profundo e enraizado na nossa rica tapeçaria cultural." (apud. ETSY - CLAYOFLAGOS)

Anne Marie Laureys (LAUREYS), contribui com uma abordagem criativa singular, desafiando as fronteiras do desconhecido e explorando os limites da criatividade e da imaginação em suas obras. Ela tem uma forma única de trabalhar e transmitir a cerâmica (FIGURAS 10 e 11). A parte prática deste trabalho se identifica muito com a forma de expressar argila de Laureys, partindo do pressuposto de transportar o sentido para além da matéria. Laureys disse, em um *video portrait* para Arthur Ancion (2018) :

Para mim, girar é uma manipulação da argila, que é muito rica. Acho que você tem contato intenso com o material e precisa estar muito concentrado para fazer isso. As deformações nos recipientes das minhas peças são deformações malucas que fingem expressão, que empurram abruptamente e usam poças para reforçar, portanto, são expressões de firmeza, mas também de gentileza. [...] estamos buscando a comunicação entre as diferentes formas e formatos para que haja uma expressão total e, às vezes, isso acontece muito rapidamente e, às vezes, é uma luta de uma semana, às vezes, para começar de novo, adicionar arranhões, adicionar cortes, refazer e tudo isso. (LAUREYS, 2018. Tradução própria)



FIGURA 10: *Host*, Anne Marie Laureys
Fonte: annemarielaureys.com



FIGURA 11 - *Shape of H₂O in a shape of water Jug*, 2015, Anne Marie Laureys
Fonte: [artsy](http://artsy.com)

3.3. ONDE ME ENCONTRO NESTE CONTEXTO?

Conhece-te a ti próprio - eis o que é difícil. Ainda posso conhecer os outros, mas a mim mesmo não consigo conhecer-me. Um fio - instintos e um fantasma... dos outros faço uma ideia mais ou menos aproximada, de mim mesmo não faço ideia nenhuma. Há uma disparidade entre mim e mim. (BRANDÃO, 2017, p. 45. apud. ALMEIDA, 2019, p.16)

Os processos envolvidos na produção artística são tão fundamentais quanto a própria obra. Esse encontro do indivíduo com sua criação representa um momento de síntese que pode expandir a percepção de si. É um momento excepcional no qual a obra de arte influencia o imaginário do artista, em busca de novos olhares diante dessa dialética.

Com a arte somos capazes de expressar necessidades e emoções. Estas muitas vezes encontram sua primeira manifestação na arte, mesmo antes de serem conscientemente reconhecidas. Ao artista cabe captar as imagens, gestos, sons, formas e palavras e traduzi-los.

O elo entre o inconsciente e a matéria se revela de maneira notável no contato com a argila, e a intensidade dessa ligação se revela em suas características plásticas. Pelo seu primitivismo não apenas na pureza da matéria, mas em seus processos, a argila nos permite sermos guiados na modelagem das formas tridimensionais, dada a sua flexibilidade e por ser passível de ser manuseada em diferentes condições de estado⁷, de forma semelhante a uma criança que brinca, explorando o barro através dos sentidos. Como mencionado por minha professora e orientadora no primeiro dia de aula prática em cerâmica, ao que Leonel (2020) corrobora:

O artista sova a argila, vai pensando na forma que ela vai assumir, vai se comunicando com a terra, vai se revelando para ela, respeitando seu tempo, seus processos. A terra recebe o sol, ela permite e seca, ela enrijece, ela craquela, ela se solta, se quebra ou se firma de vez, cada estágio é um encontro, uma descoberta e um tipo de respeito, pois o encontro com argila é o encontro de duas histórias - a história do artista e a história da argila. Depois o fogo revela o que esse encontro gerou, de mais verdadeiro. (LEONEL, 2020)

A argila, de fato, inspira a capacidade de sonhar. É terra úmida e fértil, onde o calor das mãos concebe vida e transformação. No entanto, somos igualmente penetrados por ela, permitindo-nos ceder a sua influência. Partindo de minha

⁷ Na forma líquida, umedecida ou seca, em pó;

experiência pessoal, ao escolher a argila como meio de expressão é desafiador definir uma ideia e materializá-la apenas a partir da razão. Nesse processo de construção, no desenvolvimento da ideia original, diversos fatores se agregam, consciente e inconscientemente. O simbolismo inerente a esse material não pode ser ignorado:

Ao se criar alguma coisa, nem sempre se tem a exata noção do que ela vai se tornar. O que nos conecta a ela é algo invisível que, acredito, cresce e toma corpo posteriormente. Ao encararmos a Arte como conhecimento, temos que levar em conta que esse conhecimento se traduz na obra e não é produzido nem entra na consciência de forma linear. Também não se chega até ele só através da razão, do pensamento. Ao se falar em arte como conhecimento, supõem-se uma prática, um relacionamento obra-espectador ou obra-autor. Seja enquanto espectador seja enquanto autor, só o que realmente nos toca a um nível interior, pessoal, pode nos atingir esteticamente com intensidade. São as vivências, os conteúdos internos que têm importância. A teorização pode ou não, vir posteriormente a essa experiência. (PELLEGRINI, 2005, p.29)

4. MINHA TRADUÇÃO VISUAL PARA A SÍNTESE DESTA REFLEXÃO

Aqui apresento alguns objetos resultantes desta investigação que relaciona a descoberta de uma identidade e o autoconhecimento a partir da produção cerâmica. São seis peças ao total, todas produzidas durante o ano de 2023 no Laboratório-ateliê de Cerâmica e Expressões Tridimensionais (LaCe), do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora, para a ilustração deste estudo destinado a monografia do Trabalho de Conclusão de Curso.

A concepção de cada peça foi baseada na relação intersemiótica entre emoção e sua tradução para a forma tridimensional. Essa concepção derivou da reflexão sobre o processo de autoconhecimento e a descoberta artística, culminando na concepção e execução das obras. Para esse fim, essa trajetória foi segmentada em três partes essenciais: *Inquirições*, *Cerne* e *Philautia*.

As *Inquirições* representam os estágios iniciais, marcados por experiências frequentemente desafiadoras e, por vezes, desconfortáveis, que desempenharam um papel crucial na modificação da minha percepção. Esses momentos tiveram um papel significativo na minha jornada de autodescoberta e autoconhecimento.

O *Cerne* simboliza o alicerce que me fortaleceu e proporcionou equilíbrio. Foi um espaço onde eu me sentia segura e autêntica, um refúgio de confiança. *Cerne* foi o local de trocas sinceras, oferecendo apoio reconfortante, mas também desafiando e impulsionando o crescimento. *Cerne* é lar, intimidade e abrigo.

A *Philautia*, uma palavra de origem grega que se traduz como "amor-próprio", caracteriza o instante presente, um estágio de cura, marca o início da minha própria percepção. *Philautia* é solitude, um processo de compreensão das minhas qualidades e falhas. É um momento em que o apreço pela minha companhia se intensifica, despertando um interesse de dedicar maior tempo à reflexão:

Aristóteles, que, na sua *Ética a Nicômacos*, já distingue a *philautia* (amor-próprio) em duas modalidades: aquela que busca interesses egoístas como a honra, os prazeres e o dinheiro, e aquela que busca os verdadeiros bens, os bens pelos quais se realiza mais perfeitamente o humano [...] (DE LIMA, 2008)

No meu caso, o enfoque recai sobre a segunda opção, *Philautia* como busca dos verdadeiros valores. É a busca pela admiração do ser que habita em mim, lidando com as complexidades do cotidiano, dos eventos e das emoções de maneira mais assertiva e responsável, uma vez que, "a *philautia* descrita pelo filósofo é uma condição necessária para alcançar a felicidade." (ARREGUÍN, 2009, tradução própria).

Parte das obras teve como referência complementar poemas do livro "Eu destilo melanina e mel", 2020, da poeta africana Upile Chisala⁸. Fiz esta escolha porque esse foi o primeiro livro que comprei, escrito por uma mulher negra, e ele me aconchegou! Os poemas que ela escreve trazem a realidade e a beleza, trazem a visão dela e o acalento para todos os que os lêem. Quis trazer o livro como parte da minha vida e unir com a cerâmica, o que me permitiu criar com o que sinto quando os saboreio. Nas imagens a seguir, descrevo meus processos e cito, quando ocorrem, os poemas correspondentes.

Inspiradas pelo legado de Dona Cadu⁹ (KIANDA FILMES, 2014), artesã ceramista centenária de Coqueiros (BA), a maioria dessas criações emergiu da simplicidade, moldadas exclusivamente pelas mãos e pela expressividade desejada. Algumas peças foram construídas com a utilização de ferramentas igualmente

⁸ Socióloga, ativista de direitos humanos, poeta e contadora de histórias;

⁹ Ricardina Pereira da Silva.

modestas, como fragmentos de cabos de vassoura, talheres, esponjas, régua e outros instrumentos improvisados, conforme os princípios de sustentabilidade praticados e difundidos pelas aulas de Cerâmica dos cursos de graduação ministradas no Laboratório-Ateliê de Cerâmica e Expressões Tridimensionais.

Em meios

A primeira obra construída (FIGURAS 12 E 13) para esta série é um mergulho, uma imersão profunda na reflexão sobre a minha própria jornada de autoconhecimento. Inicialmente, esse processo desdobrava-se de maneira imperceptível, como um riacho silencioso fluindo nos recessos da minha consciência. No entanto, a percepção dessa jornada emergiu de forma abrupta, semelhante a uma queda, que me deixou atordoada e com uma sensação de submersão. Essa experiência me confrontou com dúvidas sobre o que eu sabia, o que desejava e o que o futuro reservava. Incertezas e conflitos internos inundaram minha mente como ondas revoltas.

"Em Meios" evoca a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio entre os aspectos desse percurso, servindo como um lembrete de que a dualidade e a unidade podem coexistir harmoniosamente. A obra não se limita a uma única interpretação, ao contrário, o título sugere que cada espectador descubra um significado pessoal, que estabeleça uma conexão pessoal com a obra, desenvolvendo reflexões sobre sua busca interior. A contemplação de "Em Meios" pretende inspirar introspecção e reflexão, convidando o observador a explorar e desvendar um significado que ressoa com a sua jornada pessoal.

A técnica utilizada na produção da peça "Em meios" foi modelagem livre com rolinhos e ela foi produzida com massa porcelana e engobe de shoko. O ato de produzir a peça em camadas com rolinhos e modelagem conversa com a ideia do progresso que estava sendo vivido nessa primeira percepção. Há dois poemas da Upile Chisala, presentes no livro "Eu destilo melanina e mel", que ao lê-los me remeteram a esse primeiro impacto. São eles:

*Muitas de nós são oceanos
com amores que nunca aprenderam a nadar.
(CHISALA, 2020, p.72)*

e

*Alguns dias as nossas preces são duas vezes mais altas
E três vezes mais longas.
Alguns dias elas precisam ser assim.*
(CHISALA, 2020, p.61)



FIGURAS 12 e 13 (detalhe) - *Em meios*, 2023, Larissa Bosich
Fotos: Arquivo pessoal

5. *INQUIRIÇÕES, CERNE e PHILAUTIA*

As obras apresentadas a seguir compõem as três partes essenciais (*Inquirições, Cerne e Philautia*) mencionadas na página 36. Esta é uma apresentação preliminar das obras de um projeto mais amplo, com novas peças que complementam essa linha de concepção e referência.

Três obras fazem parte de *Inquirições*, cada uma representando um aspecto da minha experiência artística e de autodescoberta: o desalento, as expectativas e a reconfiguração.

Desalento

Desalento (FIGURA 14) descreve um estado emocional caracterizado pela sensação de desânimo, desesperança e falta de motivação. Ao me ver em desalento, deparei-me com situações desafiadoras e frustrantes, e isso me fez refletir sobre a origem desse estado emocional.

Percebi que, em grande parte, o desalento emergia de uma excessiva confiança depositada em uma situação ou, mais frequentemente, em indivíduos. Em momentos cruciais, quando mais necessitava de apoio, muitas vezes me via desapontada pela não concretização de promessas. Essa experiência me levou à percepção da aparente facilidade com que as promessas eram quebradas, e de como isso me deixava vulnerável.

Essa reflexão não se limitou a questões cotidianas, mas se estenderam a momentos de extrema importância. Foi nesse contexto que a inclusão do tema "desalento" tornou-se essencial no processo de autodescoberta.

Essas situações me levaram ao entendimento de que eu precisava me conhecer, precisava estar presente e desenvolver a capacidade de lidar com entraves e desafios de maneira resiliente e autossuficiente de forma que, quando há algum obstáculo, seja capaz de lidar de forma mais assertiva e consciente.

O poema, que está intimamente conectado à peça, me escolheu e não o contrário. Em um desses momentos de desalento foi a página 53 que li e o conjunto, texto e comoção, resultou no que produzi.

*Eu ainda estou aprendendo a fazer uma língua
da minha dor,
a escrever tudo o que dói.*

*Eu ainda estou ensinando ao meu lado frágil
e ao meu lado forte
que eles podem coexistir.*
(CHISALA, 2020, p.53)



FIGURA 14 - *Desalento*, 2023, Larissa Bosich
Fonte: Arquivo pessoal

Expectativas

Acredito que as expectativas são representações mentais e emocionais, em relação ao que se espera que aconteça. Em mim, elas desempenham um papel significativo, influenciando no comportamento, nas emoções e nas interações com o todo. Logo no início desse longo processo de descoberta e conhecimento próprios, percebi que a expectativa era um grande desafio a ser enfrentado e que a busca pelo equilíbrio dessa representação tinha que ser uma prioridade.

Inicialmente, minhas expectativas eram frequentemente elevadas, abrangendo uma ampla gama de áreas. No entanto, essa postura muitas vezes resultava em decepção, pois a realidade nem sempre correspondia às minhas idealizações. Como reação, minha abordagem mudou para expectativas excessivamente baixas, onde qualquer resultado, seja ele positivo ou negativo, era encarado quase da mesma maneira. Embora essa postura tenha evitado a frustração, também limitou meu potencial e me afastou da valorização do que era realmente importante.

Foi ao longo desse processo de reflexão que percebi a necessidade urgente de encontrar um equilíbrio saudável em relação às expectativas. A resolução para essa busca foi a prática da escuta atenta, a capacidade de perceber o presente e a contemplação silenciosa. Através dessas abordagens, pude desenvolver uma maior flexibilidade em relação às expectativas, reconhecendo que a vida é frequentemente imprevisível. O que a torna tão célebre.

Expectativas (FIGURAS 15, 16 E 17) representa essas variações em relação à expectativa, por meio de suas formas e texturas, ela representa as nuances e mudanças apresentadas.



FIGURAS 15, 16 e 17 (3 vistas)
Expectativas, 2023, Larissa Bosich
Fonte: Arquivo pessoal

Transmutações

As transmutações são os processos de mudança, tem sido a busca pela superação das restrições e evolução para uma disposição de alcançar diariamente o melhor que posso ser. Elas estão presentes na minha vida cotidiana. Quando aprendo com os erros, estou passando por uma transmutação das experiências em entendimento. Ao me adaptar a novas circunstâncias, estou transformando essa abordagem em uma maneira de ver o todo.

Transmutações (FIGURA 18) representa a capacidade de transformar, evoluir e aprimorar. Esses processos de mudança foram e são essenciais para o meu crescimento e desenvolvimento, tanto individual quanto coletivo. Essa obra representa o fluxo, a constante construção, quando não se sabe se estão fechando as lacunas ou abrindo novos caminhos. Ela está, assim como eu, em constante evolução, cada movimento é uma parte adicional nessa obra que insinua um constante processo de produção, como se o que ela se tornará permanece um mistério envolvente.

O poema de referência somou-se como um impulso adicional nessa movimentação contínua de transformação:

*Minha querida,
você é da cor da terra
você herdou o que é sagrado.*

*Não deixe ninguém silenciar a bondade
nos seus ossos.
Não deixe ninguém fazer você duvidar do seu poder.
Você importa.
(CHISALA, 2020, p.24)*



FIGURA 18 - *Transmutação*, 2023,
Larissa Bosich
Fonte: Arquivo pessoal

*Eu me pareço com meu pai.
Eu me emociono como minha mãe.
– como Deus serviu a refeição*
(CHISALA, 2020,p.60)

Acalento

Com a obra “Acalento” (FIGURAS 19 e 20) entramos na parte do *Cerne*, que nessa jornada representa o alicerce. Acalento é cuidado, é o ato de oferecer amor, segurança e conforto. Em sua essência, envolve aconchegar, acalmar ou simplesmente estar presente para alguém. Esse gesto e sentir são de extrema importância para o meu existir e o encontro primordialmente com as pessoas do meu convívio mais íntimo. O cerne vem basicamente deles e tem sido estruturado há tempos.



FIGURA 19 - *Acalento*, 2023,
Larissa Bosich
Fotos: Arquivo pessoal

O ato de acalantar não se limita apenas ao ser tocado, palavras de encorajamento e apoio podem ser igualmente reconfortantes. Em situações desafiadoras, preconceituosas e tristes, muitas vezes tendemos a nos fechar, construindo barreiras de proteção. No entanto, ao longo do percurso de autoconhecimento e descoberta, descobri o equilíbrio e a importância de tanto oferecer quanto receber acalento. Seja por meio de um simples sorriso, uma conversa significativa, um momento a sós, um abraço caloroso ou compartilhando uma refeição, esses momentos de acalento fortalecem nossa alma e contribuem para nossa saúde emocional.

Acalento não é apenas uma obra de arte, é a representação do que me recentra, do que me dá paz, do que é construído sobre o amor, cuidado e empatia que oferecemos e recebemos. É a busca pelo equilíbrio entre dar e receber.



FIGURA 20 - *Acalento*, 2023, Larissa Bosich
Fotos: Arquivo pessoal

Philautia

Confie em mim,
Eu sei como consertar a mim mesma
como reparar
e queimar
e torcer
e moldar.
Eu sei como fazer algo novo de mim mesma,
então não fique comigo por pena,
deixe-me quebrar
e encontrarei meu próprio caminho de volta à inteireza.
(CHISALA, 2020, p.80)



FIGURAS 21 e 22- *Descortinando Philautia*, 2023, Larissa Bosich
Fotos: Arquivo pessoal

*Eu gosto de pensar que Deus sorri
quando uma mulher negra é corajosa o suficiente
para amar a si mesma.
(CHISALA, 2020, p.12)*

Philautia é a última parte, até o momento. Ela representa a busca em meio ao processo de autoconhecimento e como parte dele de amar a si. Desfazendo as predefinições do quê ou como "deveríamos" ser, e abraçar a autenticidade. *Philautia*, o amor próprio, é um conceito valioso e frequentemente subestimado. Representa a jornada de descobrir e aceitar a si mesmo, com todas as virtudes e imperfeições. É um ato de auto-afirmação que excede a busca por padrões externos e expectativas sociais.

A prática do amor próprio não significa egoísmo, mas um compromisso consigo mesmo de se tratar com dignidade e respeito, assim como regularmente fazemos com o outro. É reconhecer que merecemos o nosso próprio carinho, compreensão e cuidado, sendo essa provavelmente a culminação dessa jornada de autoconhecimento e o fundamento para os outros tipos de amor. Quando nos amamos genuinamente, somos mais capazes de amar os outros de maneira autêntica.

Descortinando Philautia (FIGURAS 21 e 22), traduz esse abandono do antigo eu, da velha roupagem que já não me cabe mais e, conseqüentemente, o "renascimento". Já ***Em processo de Philautia*** (FIGURA 23), apresento a obra "renascida" desse processo de construção e entendimento do que é ser inteira.



FIGURA 23- *Em processo de Philautia*
2023, Larissa Bosich
Fonte: Arquivo pessoal

No centro da sua cura está você,
sempre esteve você,
sempre estará você.
Você é a restauradora.
(CHISALA, 2020, p.66)

CONCLUSÃO

A produção artística, especialmente no contexto da cerâmica, revela-se como um caminho profundo e significativo para a jornada do autoconhecimento. Neste trabalho procurei explorar a importância desse processo, destacando como a autodescoberta a partir do barro pode ser um espelho para a nossa jornada pessoal. A história da cerâmica registra o nosso impulso intrínseco de criar e, ao mesmo tempo, da busca do conhecimento de nós mesmos.

O artista, ao moldar a matéria, realiza um exercício de entendimento de si e do mundo que o rodeia. É uma jornada contínua, sem destino definitivo, onde o avanço é gradual em direção a uma infindável compreensão da identidade.

Em meio a esse percurso, o encontro com a argila como um meio que desencadeia a capacidade de sonhar é comparável ao cultivo na terra, em que nossas mãos semeiam vida e testemunham transformação. Apresentamos como resultado visual peças que representam minha descoberta da identidade e do autoconhecimento.

No entanto, ao abordar o autoconhecimento faz-se necessário, pela minha perspectiva, considerar a presença da autossabotagem quando me deparei com o a sensação de intensa limitação e uma autocrítica rigorosa que, por vezes parecia influenciar tanto o processo quanto o resultado final.

Nesse momento o exercício de reconhecer e analisar os padrões de pensamento, comportamentos e emoções, incluindo aqueles que levam à autossabotagem foi determinante. Compreender as tendências autossabotadoras é fundamental para superá-las e alcançar um nível mais profundo de autoconhecimento e autorrealização. Essa abordagem integrativa, que inclui tanto a autodescoberta quanto a compreensão da autossabotagem, foi essencial para explorar de forma mais plena todo o potencial criativo e contribuiu com o meu desenvolvimento pessoal.

No processo criativo, o artista se transforma, permitindo que seus sonhos mais íntimos se materializem ao dar forma física à concepção impalpável, principalmente pelos processos manufaturados. Essa evolução requer tempo, espaço interno e permissão para adentrar em seu próprio eu. É necessário que os olhos se abram, pois tarefas dessa natureza não podem ser executadas a não ser por nós mesmos.

À vista de uma obra de arte, vivenciamos uma experiência subjetiva e pessoal, cada criação representa a vivência de um processo. O único processo que podemos vivenciar é o nosso, ele ressoa dentro de nós e está vivo.

Momentos de *insight* estão intrinsecamente ligados ao processo de autoconhecimento, jornada que conduz a um caminho bifurcado entre a compreensão mais profunda de nós mesmos e a compreensão de nosso trabalho criativo.

A partir da cerâmica, minha arte me liberta. No processo manual e mais tradicional da modelagem da argila, encontro a oportunidade de resgatar a minha essência. À medida em que minhas mãos moldam a matéria, percebo que estou, de fato, dando forma não apenas às peças, mas também a partes de mim que muitas vezes permanecem ocultas. Cada obra carrega um pedaço meu, um fragmento de minha jornada pessoal. No ato de descoberta contínua, eu encontro pistas sobre quem sou e o que pretendo revelar.

A cerâmica é mais do que uma das formas de expressão artística; eu a descobri como um meio de autorrevelação e autodescoberta. Cada peça apresentada aqui é uma representação tangível do meu percurso, um registro dos meus confrontos, triunfos e reflexões. Essa jornada, que encontra na cerâmica um acompanhante, é um constante lembrete de que a arte não apenas nos permite criar, mas também nos convida a explorar os recantos do nosso ser. E de que a autenticidade e a liberdade estão ao alcance de nossas mãos, moldadas pelo nosso próprio toque.

REFERÊNCIAS

- ARREGUÍN, Héctor Zagal. **The role of philautia in Aristotle's ethics**. Acta Philosophica, v. 18, n. 2, p. 381-390, 2009.
- BARROCO, S. M. S. & Superti, T. **Vygotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2014;
- BAUMAN, Zygmunt. **identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna**, trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 2007.
- BÍBLIA King James Atualizada (KJA). 1ª.Edição. ed. atual. [S. l.]: Gráfica Editora Geográfica, 2017. p.27. Ebook;
- CALAZANS, José Carlos. **Iconografia de Khnum e iconografia de Harappã. Exemplo de um mito de criação importado ou simples coincidência?**. Revista Portuguesa de Ciência das Religiões, p. 173-190, 2005;
- CANOTILHO, Maria Helena Pires César. **Processos de cozedura em cerâmica**. Instituto Politécnico de Bragança, 2003;
- CHISALA, Upile; ALEIXO, Izabel. **Eu destilo melanina e mel**. Leya, 2020.
- CRUZ, Thaís Wense de Mendonça. **O artesão e a imaginação dos quatro elementos**. Ide, v. 33, n. 51, p. 46-62, 2010.
- CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro**. Brasília: Brasília jurídica, 2000;
- DE LIMA, Jason et al. **Egoísmo contra identidades: a avaliação da moral como estética da existência e ética como amor-próprio**. Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), v. 15, n. 24, p. 81-98, 2008.
- KLEE, Paul. **Sobre a arte moderna e outros ensaios**. Tradução de Pedro Sússekind. Revisão técnica Cecília Cotrim. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001;
- LEONEL, Priscila. **Ateliê-Território da Artista: relacionando arte, território, ancestralidade negra e memórias**. Palíndromo, v. 12, n. 27, p. 248-265, 2020;
- NASCIMENTO, Melissa Guimarães do. **Psicoterapia: Contribuições no processo de autoconhecimento e influência na qualidade de vida**. 2020. 56 p. Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÉ, João Pessoa, 2020.
- NOGUEIRA, Tânia Maria da Silva. **Valorização da arte no currículo escolar e a motivação como propulsora de novas construções na realidade escolar**. Google Acadêmico. Brasília, junho de 2013;
- O PANTEÃO egípcio. 1ª Edição. ed. Cotia, SP: Editora Pandorga, 2022.p.159. Ebook;
- PAZ, O. **Ver e usar: arte e artesanato**. In O. Paz, Convergências (pp. 45-47).1991. Rio de Janeiro: Rocco.
- PELLEGRINI, Darly. **O uso da argila como meio expressivo e de autoconhecimento**. 2005. Tese de Doutorado.
- REINHARDT, A. "Arte-como-arte". In: FERREIRA, G. & COTRIM, C. **Escritos de artistas: anos 60 e 70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006;

SATO, S.M. **A cerâmica artística: interfaces na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, p. 64. 2016;

TIBURI, Márcia. **Aprender a pensar é descobrir o olhar**. *Jornal do Margs*, Porto Alegre, n. 103, p. 8, 2004;

THE SCHOOL OF LIFE. **Autoconhecimento**. São Paulo: Editora nós, 2021.

TORRES, Clérison; TORRES, R. **O autoconhecimento como método específico na busca de nosso centro**. Salvador, BA: III Simpósio Nacional sobre Consciência, 2008.

VIEIRA FILHO, José. **ESPIRITUALIDADE E ARTE: Um estudo do Processo de Transcendência na Produção e Contemplação da Cerâmica**. 2013.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ALMEIDA, Ana Margarida Mendes de. **Quem vou ser se não souber quem sou? A plenitude cósmica de cada presença e A autodescoberta através do cinema**. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/74803> . Acesso em: 25 out. 2023

ART MUSEUM, Smithsonian American. **Artist Augusta Savage**. Disponível em: <https://americanart.si.edu/artist/augusta-savage-4269> . Acesso em: 27 out. 2023

ARTISTS, Aware Women. **Augusta Savage**. Disponível em: <https://awarewomenartists.com/en/artiste/augusta-savage/>. Acesso em: 27 out 2023

BALTAR, Brígida. **Sabine Schaschl conversa com Brígida Baltar**. *brigidabaltar.com*, 2002. Disponível em: <https://brigidabaltar.com/pt/textos-e-livros/> . Acesso em 24 out. 2023;

BECRAFT. **Anne Marie Laureys - Video portrait by Arthur Ancion - 2018**. Youtube. 9 dez. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eE5dqLF1XWQ> . Acesso em: 27 out. 2023;

DE LARIOS, Dora. **Dora de Larios**. Disponível em : <https://doradelarios.com/> . Acesso em 26 out. 2023;

ETSY. **CLAYOFLAGOS**. Disponível em: <https://www.etsy.com/shop/clayoflagos/?etsrc=sdt> . Acesso em: 30 out. 2023

HUNT, Richard. **Richard Hunt**. *richardhuntsculptor*. Disponível em <https://www.richardhuntsculptor.com/> . Acesso em 26 out. 2023

KIANDA FILMES. **Barro Vivo - Artesãos da Cultura Baiana**. 14 de maio de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iUIZ2_YeFFo&t=355s . Acesso em: 28 out. 2023

KINDRED 108. **Magia Visual, por Shambhavi Sarasvati - Idrís Olábòdé - Nigéria Ceramist, story teller, healer: Lagos**, 2023. Disponível em: <https://www.kindred108.love/i/135920511/ceramist-story-teller-healer-lagos-nigeria> . Acesso em: 29 out. 2023

LAGOS, Clay of. **Idrís Clay**. Disponível em: https://www.instagram.com/clay_of_lagos/ . Acesso em: 29 out. 2023

LAUREYS, Anne Marie. **annemarielaureys**. Disponível em: <https://www.annemarielaureys.com/> Acesso em: 27 out. 2023

LEIGH, Simone. **Elizabeth Karp-Evans para Cultured**. *culturedmag.com*, 2019. Disponível em: <https://www.culturedmag.com/article/2019/04/17/simone-leigh> . Acesso em: 27 out. 2023

MAGALHÃES, Conceição. **Arte Educação**. [2018]. Disponível em: <https://www.arteducacao.pro.br/>. Acesso em: 01 set. 2023;

MAGAZINE, Hispanic Outlook On Education. **Dora De Larios, The Fierce, The Warrior, The Artist, by Sylvia Mendoza**. 2016. Disponível em: <https://www.hispanicoutlook.com/articles/dora-de-larios-the-fierce-the-warrior-the-artist-b> . Acesso em: 27 out. 2023

PORTO Editora. **Lenda do Gigante Prometeu**. Porto: Porto Editora. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$lenda-do-gigante-prometeu](https://www.infopedia.pt/$lenda-do-gigante-prometeu). Acesso em 12 de outubro de 2023;

PEREIRA, Midria da Silva. **Eu sou a menina que nasceu sem cor**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o6zEzP7pudQ&t=1s>. Acesso em 7 de outubro de 2023;

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, p. 142-157, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932014000100011> . Acesso em: 27 out. 2023;

SELIGMANN-SILVA, M. **O Golem: Entre a técnica e a magia, alguém da bioética**. Remate de males, Campinas, v. 27, n. 2, p.183-195 – jul./dez. 2007. Disponível em <https://doi.org/10.20396/remate.v27i2.8636003>. Acesso em 9 de outubro de 2023;

SOUTHBANK CENTRE. **Unlocking the secrets of clay: ceramicist Magdalene Odundo**. Youtube. 26 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oEmGRUhlqgk> . Acesso em: 27 out. 2023;

WAKEFIELD, The Hepworth. **Magdalene Odundo**. Disponível em: <https://hepworthwakefield.org/artist/magdalene-odundo/> . Acesso em: 27 out. 2023;